



## A BICA DO POVO

Ficou dito que hoje nos encontrávamos na BICA DO POVO. No sítio onde a água borbulha quente e deixa a terra. Onde se vêm lavar as camisas, os lençóis, os tapetes.

Cá estamos. E podemos-nos sentar aqui mesmo, à beira do tanque.

Não. Não fui eu a primeira a chegar. Talvez me tenha distraído com a chávena do café. Ou a olhar a barca, a olhar o rio.

Quem primeiro compareceu foi o Gonçalo. «Ah, mas não admira... eu era quem vinha de mais perto! Só precisei de atravessar a rua.»

Sim, depois de uma volta completa às termas. Depois de ter ligado toda a aparelhagem. De ter conferido as toalhas e os roupões chegados da lavandaria e os que haveria de mandar para lá. «Era o trabalho da minha mãe dantes, nos antigos balneários. Nesse tempo...»

No tempo em que o doutor Adolfo Rocha chegava de Coimbra. Trocava os sapatos por botas cardadas. E Miguel Torga punha-se a caminho de São Leonardo da Galafura.

No tempo em que, à saída do hotel, Agustina ajeitava os óculos escuros. Dava dois passos miudinhos, abria o guarda-sol, ia até ao ancoradouro.

Quanto lhe pediria o barqueiro para a levar ao Vesúvio? Cinco mil réis? Oferecia vinte e cinco tostões.

A Carla veio a correr da cozinha do Hotel.

Antes de se pôr a caminho ainda apurara a compota de cerejas. Deixara as cebolas descascadas. A salsa escolhida e as malaguetas no almofariz. «Ai... logo hoje, que se vão juntar aí uns figurões para almoçar!»

E eu a pedir-lhe conversa, a desviá-la dos afazeres! «Não quer voltar para?...»

Voltar para o fogão?

Nem pensar! «Deixei a estagiária a tomar conta dos tachos...»

E o Fábio?

«Ainda lá ficou, de um lado para o outro!...»

No salão-restaurant, a pôr a mesa para o almoço dos tais figurões. Talheres, pratos, copos. «Ai que se me partiu um!»

«Mas ele já aí vem...»

Não é preciso correr!

«Contem-me», pedira eu. E direi o que cada um me disser.

«Aguas cálidas!» - diziam os romanos que por aí andaram, há mais de dois mil anos.

E Dona Mafalda a Afonso Henriques: «Badajoz foi um desastre!... E agora, cuidarás da alma no mosteiro de Cárquere e curarás o corpo nestas Caldas!»

Curou-se?

Diz o Gonçalo que, pelo menos, a rainha Mafalda se sentira obrigada a cumprir a promessa que fizera a Maria Madalena. «Construir-lhe uma capela, mesmo em frente da bica das águas quentes, se a perna do rei sarasse.»

Construíra. Boa pedra, bons restauros e ainda lá está a capela.. «A bica também: é esta...»

Sim! Têm-lhe desviado a água e muitos até lha têm vindo roubar. Mas nunca conseguiram que a BICA deixasse de ser do POVO!

Que mais?

«Bem, isto não é uma cidade!...» «Não... já nem aldeia é!» «Mas ainda temos a vista...» «O rio...» «O ancoradouro!»

E a barca cruzando o Douro, para lá e para cá.

Para onde?

«Para a estação do caminho-de-ferro!» «Linha do Douro...» «Vem do Porto, chega a Barca d'Alva, via única.»

E a estação é? «Arêgos! Ainda que fique na outra margem.»

Ah... Mas esta estação tem uma história!

Diz o Fábio que não gosta muito de ler. Que não tem paciência para livros. Mas que até ele sabe que estação é aquela. «É porque lá puseram uns painéis a contar-lhe a história.»

O que contam?

Que um escritor, amalucado como todos os escritores, inventou uma viagem de um tal Jacinto até aqui, ao Douro. «Era um ricoço da cidade. Vinha de Paris e ia para uma casa que a mulher herdara perto de Baião. Pelo caminho, foram-lhe acontecendo desgraças atrás de desgraças. Perdeu a bagagem, e quando aqui chegou só trazia a roupa do corpo e uma bengala...»

O tal escritor pusera-se a escrever um livro, contando o que acontecera a Jacinto. «Disse umas verdades, escondeu outras, inventou... Parece que é sempre assim!»

E como havia ele de chamar à estação onde se apeara o tal Jacinto? «Estava lá escrito ARÊGOS!»

Pois estava. «Mas resolveu pôr no livro que era TORMES!»

Assim ficara.

E Jacinto?

Vinha no livro que nunca tornara a Paris. Que entre urzes e limoeiros encontrara mulher. Que esquecera as cidades. «Oh!... Quem sabe se ainda por aí não andará?!»

Pois. Por essas serras que se adivinham para lá do Marão.

E se nós, os quatro, nos metêssemos na barca, atravessássemos o rio e o fôssemos procurar?

Vamos?

Vamos lá!

**Carla, Gonçalo, Fábio. Com Filomena Marona Beja,  
na Bica do Povo – Caldas de Arêgos (Resende)**